

Calmaria: confesso que vivi

Dom Erwin Kräutler

Dou este testemunho com o coração repleto de gratidão. Depois de mais de quarenta anos de vida missionária no Xingu, na Amazônia brasileira, e 28 anos de bispo, confesso que muito devo a Thérèse, nossa “Santa Teresa do Menino Jesus” ou simplesmente “Santa Teresinha” (2.1.1873-30.9.1897). Dela não ouvi apenas falar ou li uma biografia. Eu a conheço, como se conhece uma pessoa que se ama imensamente. Há décadas ela caminha comigo nas horas alegres, muito mais ainda nas horas de dor e sofrimento. Sinto sua presença!

Deus se dirige a nós por múltiplas vias. Ele se revela através de suas palavras na Escritura Sagrada. Ele está presente como “Deus-conosco” na Eucaristia. Adoro a Deus também na sua criação, no mundo maravilhoso das estrelas e galáxias, mas também na pequena flor lilás que se encontra à beira da Transamazônica e nunca se deixa macular pela poeira. Sempre está limpa, pura, sorridente. Às vezes Deus nos orienta e acompanha através de pessoas queridas que encontramos em nosso dia-a-dia, mas também por alguém que já está junto de Deus na mansão eterna, especialmente quando se trata de quem antes de morrer garantiu “Eu quero passar meu céu fazendo o bem sobre a terra” (17.07.1897).¹ Foi Deus que me enviou Thérèse como um “anjo de guarda”, como irmã querida que me protege e tantas vezes também me consola.

Digo de novo: Conheço Thérèse! Li várias vezes seus escritos, mas li também nas entrelinhas. Entendi-a sempre melhor e descobri a mensagem evangélica que transmite ao mundo. Thérèse anunciou o Evangelho através de seu magnífico testemunho. Quando viveu aqui em Lisieux, só as pessoas de sua família e de seu convento a conheceram. Hoje ela é conhecida e venerada pelo mundo afora. Viver e anunciar o Evangelho através de nosso testemunho é missão dos cristãos e das cristãs de todos os tempos. Thérèse é missionária, apóstola e mártir do amor. “Oh Jesus, meu Amor (...). Encontrei, enfim, minha vocação; minha vocação é o Amor! (...) Sim, encontrei meu lugar na Igreja, e este lugar, oh meu Deus, fostes vós que mo destes... No Coração da Igreja, minha Mãe, serei o Amor.” (Ms B 3 vº).

Meu primeiro contato com Thérèse, eu o tive quando ainda era menino em Koblach, minha aldeia natal na Áustria. Havia uma estátua dela na Igreja Matriz, aquela estátua de gesso que todos nós conhecemos, produzida em série. Thérèse segura a cruz, coberta de rosas. Graças a Deus existia no Carmelo de Lisieux do final do século XIX a máquina fotográfica de Celine para conhecermos o verdadeiro rosto de Thérèse!

Não sei o que aconteceu com a estátua. Desapareceu! Na época da restauração da Igreja Matriz, Thérèse foi pintada, junto com outros santos, num grande afresco no teto da igreja. Alguns meses antes da minha ordenação sacerdotal e Primeira Missa que celebraria nesta igreja em que também fui batizado. Pedi ao artista-pintor que não

¹ “*Je veux passer mon ciel a faire du bien sur la terre*”.

esquecesse Thérèse. Dei-lhe um santinho para que tivesse uma idéia como podia pintá-la. O artista produziu uma linda imagem de Thérèse!

Em 1958 entrei no noviciado dos Missionários do Sangue de Cristo em Schellenberg, no Principado de Liechtenstein. Queria ser padre, missionário. Minha vontade de jovem entusiasta era transformar, converter o mundo, mas não entendi bem o que significava isso. Mesmo sendo estudante, fui membro da JOC da minha paróquia. Lutei ao lado de operárias e operários. Queria um mundo justo, fraterno, solidário, cristão, queria empenhar-me por uma sociedade diferente, engajar-me em favor do Reino de Deus. Fui um jovem muito ativo em todas as frentes. Tocava violão, cantava, fiz teatro, promovi encontros e festas ou fui convidado a cantar em festas ou animar esses encontros de jovens. Quantas noites passei nesses eventos sendo um dos últimos a ir embora! Às vezes fui da festa diretamente à escola, escondendo meu violão em algum lugar para os professores não se darem conta de que chegava de uma festa e não de casa. Uma vez o professor de grego me interpelou: “Erwin, quando vais mudar de vida?” Respondi: “No próximo outono!” O professor - Deus o tenha! - balançou a cabeça como se quisesse dizer: “Esse rapaz não tem mais jeito! Está perdido!” Entretanto, não havia entendido a minha resposta “No próximo outono!”. O que falei, fora verdade. Foi meu último ano de ginásio! Pensei em várias profissões. Um dia queria ser médico, especialmente depois de assistir o filme “Sauerbruch: Esta foi minha vida!” que contava a vida de um famoso cirurgião. Impressionava-me como este médico ajudava tanta gente, até animais. Queria fazer algo assim. Depois pensei em tornar-me professor, pois achava que assim poderia estar mais próximo aos jovens e ajudá-los com mais eficiência. Doía-me no coração ver tantos rapazes e moças, amigas e amigos meus, abandonarem as práticas religiosas e resvalarem para um tremendo indiferentismo ou até perderem a sua fé em Deus. Mas a experiência na JOC finalmente me convenceu de que como Padre poderia fazer muito mais. Digo “fazer”, porque até então entendi a missão de Padre como a de grande artista, animador, coordenador de atividades, encontros, festas e celebrações.

Entre no noviciado e tive a sorte de ter um excelente mestre de noviços. Só havia um detalhe no noviciado, jamais imaginado por mim: Nada de encontros com jovens ou com quem quer que seja! Nada de noites de festa, nem sequer de passeios animados! Agora, um rígido horário previa as atividades de cada dia e de toda a semana. Oração, meditação, celebração da eucaristia, estudo, trabalho manual, silêncio, recolhimento! Às vezes um passeio pelos bosques ou pelas montanhas, mas não para passar uma noite em algum albergue cantando, mas sim para encher os pulmões com o ar puro e não com a fumaça das festas de outrora. Louvamos a Deus, contemplando as maravilhas de sua criação. Cantamos, sim, mas os salmos, por exemplo o Salmo 8 “Ó Senhor nosso Deus, como é grande vosso nome por todo o universo!” ou então o Salmo 18 (19): “Os céus proclamam a glória do Senhor, e o firmamento, a obra de suas mãos!” Voltando para a casa do noviciado, a ordem foi a de dormir cedo, levantar cedo, bem cedo! Essa vida me era tão estranha como se tivesse mudado para um outro planeta que se situava numa galáxia a milhões de anos-luz de distância da Terra. E o mestre de noviços percebeu que eu não estava bem. Notou que estava me sentindo no noviciado como um peixe fora d’água, com saudades do mundo que antes era meu mundo. Um dia ele me chamou e, sem rodeios, disse que estava preocupado comigo e duvidando seriamente da minha vocação para a vida religiosa, para Padre.

Dizia-me: “Há vários caminhos para chegar a Deus e cumprir uma missão. A vida de Padre é uma vocação que alguém tem ou não tem, e o noviciado existe para discernir se é este realmente o caminho que Deus escolheu ou não”. Baixei a cabeça e não respondi nada. Minha crise se tornou aguda, pois no fundo acreditava que foi Deus que me chamou. Afinal, por que cheguei até aqui? Por que nunca, mesmo em meio às turbulências da adolescência e às crises de todo tipo que qualquer jovem atravessa, nunca abandonei a fé, nunca faltei à uma única Santa Missa aos domingos? Até nas excursões quando todo mundo se esqueceu do dever dominical, eu consegui achar uma Igreja para cumprir meu dever de cristão. Por que não me incomodei quando fui ridicularizado por causa dessa minha religiosidade que tantos colegas consideraram coisa do passado, da idade média, que não cabia mais no mundo moderno, esclarecido, “iluminado”? Por que na cidade onde estudei, sempre entrei, antes das aulas, numa Igreja? Às vezes cheguei na hora da comunhão e aí recebi o Corpo de Cristo. Quando o trem atrasou por alguns minutos cheguei na bênção final, mas mesmo assim permaneci por alguns minutos diante do altar de Nossa Senhora. Por que com 16 ou 17 anos as palavras de Santa Teresa d’Avila me empolgaram tanto? “Nada te turbe, nada te espante! Todo se pasa! Dios no se muda. La paciencia todo lo alcanza. Quien a Dios tiene, nada le falta. Solo Dios basta!” Muitas vezes as escrevi num livro “Poesia”, quando uma amiga ou um amigo ou colega me pediu uns versos. Por que Santo Agostinho me impressionou como jovem com seu “Inquietum est cor nostrum donec requiescat in Te”? Conhecia toda a inquietude, toda a insegurança juvenil, a superficialidade do modo de pensar e agir, e esta palavra me questionou.

Por que Deus me conduziu pela mão e me segurou para não cair na sarjeta, em que tantos jovens caem? Por que? Por que? Por que?

Será que agora este Deus amigo me largou e a vocação que julgava ter não passou de um efêmero romantismo, de um tremendo engano, de pura ilusão?

Não respondi nada ao mestre de noviços. Senti-me completamente só. Perdido! O que iria responder mesmo? Fiquei calado!

Depois de alguns momentos, o Padre retomou a palavra e disse apenas: “Bem, vamos fazer mais uma tentativa! Vou dar-lhe um livrinho que talvez o ajude a dar uma guinada em sua vida e, quem sabe, descobrir se tem vocação para a vida religiosa!” Recordo-me vivamente, como se o fato tivesse acontecido ontem! O Padre me entregou um livrinho que na capa tinha estampado a foto de uma atriz que fez o papel de carmelita num filme que, tempos atrás, assisti em Feldkirch, onde estudava. Algumas cenas ficaram bem vivas na minha memória. O sorriso cativante da carmelita! Como amava sua família e depois de entrar no convento, as suas irmãs, mesmo as antipáticas! A pobrezinha escarrou sangue na noite da Quinta-feira Santa e não falou nada a ninguém. Morreu prematura, escondida num claustro na França. Ao morrer, sussurrava ofegante: “Oh, eu o amo! Meu Deus, eu vos amo!” Chorei convulsivamente no fim daquele filme e procurei esconder-me quando saí do cinema. Não quis mostrar a ninguém que havia chorado. E agora o Padre me dá um livrinho com o título: “Geschichte einer Seele”, “História de uma alma”!² Este também foi o título do filme!

² *História de uma alma* – Teresa de Lisieux. Nova edição crítica por Conrad De Meester, São Paulo: Paulinas, 2009.

Mesmo que já em 1956 os “Manuscritos autobiográficos” apareceram “sob forma de uma rica edição crítica de três volumes em fac-símile”, no final dos anos 50 os amigos de Thérèse de língua alemã ainda não tiveram acesso à essa maravilha. Assim o livro que o Padre me passou foi a edição antiga. Peguei o livro e agradei. Havia no noviciado um tempo especial para a “Leitura Espiritual”. Meia hora por dia! Neste tempo previsto se lia algum livro espiritual, em doses homeopáticas de trinta minutos. Terminou o tempo previsto, colocou-se o livro na prateleira do banco da Capela. Até amanhã, na mesma hora! A “História de uma alma”, porém, que o Padre me deu, não deixei na capela. Levei-a comigo para o quarto. Aproveitei qualquer hora livre e em pouco tempo cheguei à última página que contou a morte de Thérèse no dia 30 de setembro de 1897 em todos os detalhes, e suas derradeiras palavras: “Je l’aime. Mon Dieu, je vous aime!” Quantas vezes desde então já repeti esta última palavra de Thérèse! Recomecei a leitura da “História de uma alma”, pelo menos de algumas passagens. Depois fui informado de que existiam outros escritos de Thérèse: “Os últimos colóquios” e as “Cartas”. Tudo, de repente, me interessava! Descobri o grande amor da minha vida: Thérèse!

Não sei o que aconteceu, mas o mestre de noviços nunca mais voltou a me questionar em relação à minha vocação. Havia os assim chamados Colóquios de Nicodemos, as conversas particulares com o mestre de noviços em que o assunto era exclusivamente a vida “espiritual” do noviço, como se relacionava com Deus e fizera a meditação, se amava Nossa Senhora, se seguia o exemplo dos Santos. Já naquele tempo eu conversava com Thérèse! O Padre nunca mais tocou no assunto daquele dia em que me chamou para comunicar-me suas preocupações quanto à minha vocação. Repetiu apenas: “Você jamais se arrependerá! Sua vida será linda!”

Passei do noviciado para a universidade em Salzburgo, na Áustria, onde primeiro estudei Filosofia. Depois cursei Teologia para preparar-me ao sacerdócio. Lembro-me que nos primeiros anos de meus estudos em Salzburgo escrevi uma carta ao Carmelo de Lisieux, pedindo os “Manuscrits autobiographiques”. Não sabia francês, mas fiz uma carta em francês, traduzindo palavra por palavra do alemão para o francês do jeito como o dicionário o indicava. As Carmelitas de Lisieux certamente se divertiram com esta carta-pedido redigida num francês tão rude. Mas, para minha surpresa, enviaram-me um exemplar que até hoje guardo comigo. Eu queria os escritos de Thérèse na língua que ela falava, Em francês! O conteúdo, eu já o conhecia. Ademais, convenhamos: ler francês é uma coisa, falar ou ouvir falar francês é bem outra!

Não sei mais a data exata, mas algum tempo antes da minha ordenação sacerdotal descobri uma palavra de Thérèse que nunca mais esqueci. É da poesia “Por que te amo, oh, Maria” de maio de 1897: “Amar significa dar tudo e dar-se a si mesmo”.³ Thérèse já se encontrava muito doente. Restavam-lhe apenas pouco mais de quatro meses de vida. Este verso deu origem ao meu lema de sacerdote que mandei imprimir na lembrancinha da ordenação. É da primeira carta de São João, capítulo 3, versículo 16: “Nisto conhecemos o Amor: ele deu sua vida por nós. E nós também devemos dar nossa vida pelos irmãos e irmãs” (1 Jo 3,16): Amar é “tout donner”. Sim! Mas ainda mais “se donner soi même!” Eis a vida que tento viver até hoje.

³ “Aimer, c’est tout donner et se donner soi même!” (P 54,22).

Fui ordenado padre em 3 de julho de 1965 na linda catedral de Salzburgo, na Áustria. Em 18 de julho rezei minha primeira Missa com o povo da minha aldeia natal. No dia 25 de novembro do mesmo ano já estava em Belém do Pará, no Brasil. Embarquei em Hamburgo num velho Lloyd alemão de nome “Emsstein”. Quando passamos pela costa da Normandia lembrei-me que, à uma certa distância para lá da praia que avistamos, existia uma cidadezinha, chamada Lisieux. Lá vivia e morreu Thérèse. Um dia iria conhecer Lisieux, visitar a terra de Thérèse. Iria celebrar a Santa Missa na Capela do Carmelo e rezar diante de sua urna. Iria visitar a casa onde morava antes de entrar no convento, Les Buissonnets, a Igreja, onde participava todas as manhãs da Eucaristia e se confessava. Iria ficar diante da porta do Carmelo onde se despediu do pai e pela qual entrou para nunca mais sair, a não ser morta para o cemitério. Iria ver a sacristia, o confessionário onde ela se ajoelhou e foi tocada pela misericórdia divina, ouvindo as palavras do Padre Pichon: “Em presença de Deus, da Santíssima Virgem e de todos os Santos, declaro que jamais cometestes um só pecado mortal” (Ms A 70 r^e). Quando seria? Não sabia, nem podia imaginar, mas acreditava piamente que um dia meu sonho se tornaria realidade.

Pouco tempo depois de chegar em Belém, fui convidado para assistir a tomada de hábito de uma jovem que veio das Filipinas, na Igreja de “Santa Teresinha”.

Comecei a viver a minha vida de padre na Prelazia do Xingu, a maior circunscrição eclesial do Brasil com 365 mil quilômetros quadrados. Fui encarregado de muitos ofícios. Lecionei no único colégio em que se formaram todas as professoras e professores primários da região. Visitei comunidades próximas a Altamira, sede da Prelazia, mas também, por semanas, comunidades mais distantes. Descobri que a primeira capela que os Missionários do Sangue de Cristo construíram foi dedicada à Santa Teresinha. Fui encarregado da pastoral do Porto de Vitória (hoje cidade) e da Paróquia de São Francisco Xavier de Souzel, distante três horas de barco de Vitória do Xingu. Precisava de um barquinho. Dei-lhe o nome de “Teresinha”! Hoje a Paróquia já dispõe de um barco maior, mas o nome continua o mesmo. Fiz tantas viagens na “Teresinha”!

Os anos passaram. Em 31 de outubro de 1980 fui chamado pelo Núncio Apostólico. Pediu-me que viesse à Nunciatura o quanto antes possível. Embarquei para Brasília sem saber o motivo da viagem. O Núncio Dom Carmine Rocco me recebeu no dia 3 de novembro pouco antes de meio-dia. Foi logo ao assunto e entregou-me uma carta. Insistiu que a lesse imediatamente. Foi a nomeação para bispo. Sofri um choque violento! Tremi nas bases! Eu? Por que não outro? O Núncio me explicou que o Santo Padre confiava no meu “sensus ecclesiae” e eu deveria aceitar, já que na consulta que havia feito com o clero, com religiosas e leigos do Xingu, a indicação caía sobre mim.

Thérèse mais uma vez estava, desta feita “oficialmente”, no meu caminho! Assumi como lema de meu episcopado “Servo de Cristo Jesus”. Para a minha ordenação episcopal foi escolhido o dia 25 de janeiro de 1981, Festa da Conversão de São Paulo. O próprio Núncio Apostólico foi o sagrante principal, acompanhado pelos Bispos do Pará e Amapá. O povo do Xingu preparou-se para o grande dia e um enorme palco foi erguido em frente a Catedral do Xingu. O povo esperado de todas as paróquias jamais iria caber na Catedral.

O dia 25 de janeiro de 1981 amanheceu com chuva. Choveu fortemente a noite inteira, sem interrupção. Os bispos e responsáveis pela liturgia já tomaram a decisão de transferir as cerimônias para dentro da catedral, por causa das condições meteorológicas adversas. Ainda bem que queriam ouvir também a minha opinião. Respondi: “Será ao ar livre! Já fiz um acordo com Santa Teresinha”. Riram de mim, mas aceitaram! Às 7:30 a chuva parou. Formou-se a procissão até o palco. A cerimônia começou às 8 e durou até às 10 horas. Mas eu queria ainda algo mais, não apenas que parasse de chover! Lembrei-me da neve no dia da tomada de hábito de Thérèse. Quando terminou a cerimônia, o pátio do Carmelo em Lisieux estava branco como o vestido de noiva que usou. Ela chamava isso uma “delicadeza de Jesus” (Ms A, 72 vº). Também eu queria a “delicadeza” de algum sinal. Confiava na palavra de Thérèse de acompanhar minha missão de bispo com seu amor e sua intercessão, mas queria que ela se manifestasse. Pensei simplesmente que as nuvens, mesmo carregadas, poderiam, pelo menos por um minuto, deixar passar alguns raios de sol. Tempo de chuva, nuvens escuras, céu fechado! Como esperar raios de sol? Mas vieram! De repente, pelo espaço de talvez três minutos, alguns raios rasgaram as nuvens e nos saudaram. Sabia que era ela! Thérèse! Logo o céu fechou-se de novo. A cerimônia chegou ao fim. A primeira bênção do bispo ordenado! Mal que havia terminado de abençoar o povo, o cerimoniário gritou pelo microfone: “Lá vem chuva! Procurem abrigo!” Chuvas torrenciais voltaram a cair e não pararam mais até a noite daquele dia da minha ordenação de bispo. Thérèse cumpriu sua parte! Ela será a padroeira da minha missão episcopal.

Comecei a visitar as comunidades em todas as partes da imensa Prelazia. Posso exclamar com São Paulo: “Não temos (mais) morada certa!” (1Cor 4,11). Viajo de barco, de jipe, de avião, mas vou também a pé, onde não há estrada nem rio. Aprendi muito e descobri os sofrimentos do povo simples, abandonado e oprimido, vivendo sempre à margem, excluído do “banquete da vida”. Fui para as aldeias indígenas para abraçar os índios e declarar-lhes que os amo: “I mã mebengôkrê k~inh kumrêx!” (É verdade, eu amo os índios). Responderam-me com muito carinho: “wajanga benjadjwyr rax kuben kêt, ôbikwa kumrêx” (O bispo não é um branco. Ele é nosso parente). Mais tarde a mulher do cacique me deu o nome de “Beb-Pôiti”. Com este gesto queria expressar que faço parte de seu povo, sendo seu filho adotivo.

Numa dessas viagens para as aldeias indígenas voltando de Tucumã para Altamira aconteceu um fato que nunca mais esquecerei. Antes de embarcarmos em Tucumã o bispo-irmão que também é piloto me dizia que há pouco tempo tinha feito em Goiânia uma revisão completa do monomotor. Decolamos em Tucumã e rumamos para Altamira, à distância de aproximadamente duas horas de vôo. Quando o altímetro indicou uns 5000 pés começamos a sobrevoar mata cerrada na região das cabeceiras do Rio Bacajá, afluente do Xingu. Olhei para baixo admirando a mata virgem, os ipês em flor, a floresta ainda do mesmo jeito como Deus a plantou. De repente, o motor começou a falhar e a hélice girava cada vez mais devagar até parar por completo. Olhei para o piloto e notei que ficou assustado, nervoso, pálido. Não falou nada! Estávamos à beira da morte. Mesmo se escapássemos vivos da queda, naquele lugar inóspito de mata fechada nunca ninguém nos teria achado. Mas esta análise eu só fiz depois. Na hora da morte iminente gritei para Thérèse: “Tu és a padroeira dos missionários! Por favor, mostra-nos agora o que sabes fazer!” Por incrível que pareça, após três minutos

que duraram uma eternidade, o motor voltou a funcionar. Do fundo do meu coração falei: “Obrigado, Thérèse! Vou contar este milagre por onde eu andar. Jamais te esquecerei!” Subimos a 8 mil pés e bem distante no horizonte apareceu o majestoso Xingu com suas cachoeiras, seus lagos e ilhas. Depois de mais meia hora aterrissamos sãos e salvos em Altamira. Contamos o que nos aconteceu em pleno vôo. O mecânico de aviação do aeroporto de Altamira abriu então o capô do aviãozinho para, logo em seguida, bater espantado as mãos por cima da cabeça. “Meu Deus, vocês estão vivos? O motor está com um tremendo defeito!” Primeiro gelei, mas logo mais fiquei com o meu coração em chamas, pois ouvi da boca do mecânico a confirmação de que Thérèse havia operado um milagre!

Em fevereiro de 1983 visitei muitas comunidades ao longo da Estrada Transamazônica. “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo (...). Ouvi seu clamor por causa de seus opressores...” (Ex 3,7). São as palavras de Deus, de Adonai, nosso Senhor. Mas, com todo o respeito, aqui eu pude pronunciar as mesmas palavras, pois encontrei um povo escravizado, à beira do desespero. Há meses, os canavieiros haviam entregue sua safra e não receberam nada em troca. Trabalharam e não foram pagos. No dia de Pentecostes do ano 1983 fizeram uma assembléia e decidiram bloquear a estrada para chamar a atenção do Brasil todo. Soube da decisão um dia depois e imediatamente viajei para o Km 94, onde o povo acampou. Vi homens, mulheres, até gestantes, crianças, todos olhando para mim, pedindo um milagre. Rezei tanto! Passei uma noite com as famílias acampadas. Celebrei a Santa Missa com elas em meio à estrada. De repente fiquei com febre. Tive que voltar a Altamira. Chegou o dia 1º de junho de 1983. Estava no meu quarto tomando soro. Toca o telefone. Uma advogada me avisa que a polícia militar estava se dirigindo ao Km 94. Tirei a agulha do soro e pedi a um motorista que me levasse para a Transamazônica, ao acampamento. Cheguei e o povo me recebeu com muita alegria.⁴ “Sua presença aqui é como água benta!” me diziam. Pedi insistentemente que não reagissem, nunca passassem para algum revide, aconteça o que acontecer nas próximas horas. “Estamos nas mãos de Deus! Que ele nos abençoe!” Já ouviram-se os passos em cadência dos soldados que se aproximaram. Foram 70. Armados até os dentes! Chegando mais perto, as mulheres gritaram: “Queremos paz!” Os homens secundaram: “Queremos justiça!” Aos poucos todos calaram e se sentaram na poeira vermelha da estrada. Olharam para mim! Era o momento de tomar uma decisão que teria consequências imprevisíveis. Ou dar as costas ao povo ou então sentar-me com ele. Optei pela segunda alternativa, pois entendi que o pastor deveria estar lá onde está o seu rebanho. E o rebanho estava encurralado na estrada, sentado na poeira. Depois de alguns gritos os soldados começaram a arremessar bombas de gás lacrimogêneo. Quando quis ajudar um médico que também lá estava e desmaiou, um soldado me pegou pela camisa e me jogou violentamente ao chão. Mesmo que nunca tenho dado o conselho de fechar a estrada, fui eu que paguei pela decisão desesperada dos canavieiros. Algumas semanas antes alguém me havia perguntado se era lícito bloquear uma estrada. Respondi que não. Disse que era inconstitucional obstruir uma estrada federal, mesmo que pensasse naquela hora: “O que é mais inconstitucional? Fechar uma estrada ou deixar de pagar a safra, levando ao desespero os canavieiros com suas famílias?” No relatório que me foi pedido depois desses acontecimentos, escrevi: “Só me resta ainda dizer que podem

⁴ Este episódio é mais amplamente descrito no T 11.

prender-me, espancar-me, humilhar-me. Aos poucos estou descobrindo o que significa ser servo de Cristo Jesus.” Sei que Thérèse estava junto na poeira da Transamazônica!

Três semanas depois estávamos de retiro espiritual na Prelazia. O Cardeal Aloísio Lorscheider veio até o Xingu para orientar esses dias de oração e meditação. Soube que meu nome estava sendo cogitado para presidente do Conselho Indigenista Missionário, organismo anexo à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que coordena a nossa atividade pastoral junto aos quase 180 povos indígenas que ainda existem no Brasil, sobreviventes dos seculares massacres. Perguntei a Dom Aloísio o que pensava disso e o que devia fazer. Ele imediatamente reagiu e disse que deveria aceitar a bem da Igreja no Brasil. Fui eleito e durante oito anos, de 1983 a 1991 exerci o cargo, sempre em sintonia com a CNBB. Em 1987 realizou-se a Assembléia Nacional Constituinte. O Brasil deveria receber uma nova Constituição. Foi a hora propícia para lutarmos todos pela inclusão dos direitos indígenas na Carta Magna do País. Até então os índios não foram tratados como pessoas adultas, foram igualados a crianças e débeis mentais que precisavam de uma tutela especial da parte do Estado. Não tive mais sossego. Falei no congresso, mantive contatos com deputados e senadores, tudo para convencer os constituintes que os índios precisavam ser considerados cidadãos adultos, donos de sua história, brasileiros e brasileiras com todos os direitos respeitados, direitos a suas terras ancestrais, às suas línguas, expressões culturais e tradições, às suas organizações. Nosso empenho em favor destes povos não agradou a todos, especialmente não recebeu aplausos dos que queriam ocupar as terras indígenas e explorar as riquezas naturais do solo e subsolo. Demarcar essas regiões como áreas indígenas significava obstruir ou pelo menos dificultar o acesso a terras férteis, a minérios, a madeiras de lei. Precisava ser calada a voz de quem defendia os índios e uma destas vozes foi o presidente do CIMI. Em agosto de 1987 o jornal de grande circulação no Brasil iniciou uma virulenta campanha de difamação. Fomos caluniados de modo tão torpe que nem sequer vale a pena citar as acusações levianas. Imediatamente foi constituída uma Comissão Parlamentar Interministerial de Inquérito para apurar a veracidade ou não das acusações gravíssimas. A trama foi descoberta, mas nem por isso cessaram as hostilidades. Quando esperava ser chamado a Brasília para defender-me diante da Comissão e, em nome do Conselho Indigenista Missionário da CNBB, repudiar todas as acusações sem fundamento algum, aconteceu um acidente na Estrada Transamazônica. Dirigia-me ao Brasil Novo, a 46 km de Altamira, para celebrar a Santa Missa. No km 23 no topo de uma ladeira meu carro foi propositadamente abalroado por um caminhão. O Padre Salvador, missionário xaveriano, nascido na Sardenha, de 31 anos de idade, estava sentado ao meu lado e teve morte instantânea. Eu quebrei os ossos do nariz e da face, perdi os dentes e fraturei várias costelas, mas escapei com vida. Seis semanas fiquei hospitalizado. Durante trinta e três dias só pude alimentar-me através de um canudinho. Minha vida de repente entrou numa fase de intenso sofrimento. Passei muitas noites sem dormir e com dor. Ditei no hospital uma carta a meus irmãos e minhas irmãs que participavam da reunião do Conselho de Pastoral da Prelazia. “No acidente vi a morte diante de mim. Mas não foi uma pálida caveira. Eu vi a face ensangüentada de Nosso Senhor. A experiência do dia 16 de outubro de 1987 fez-me meditar horas e horas sobre nossa missão e nossas atividades pastorais. Lembrei-me que a parte mais antiga, o núcleo dos quatro Evangelhos não foram os sermões e os milagres de Nosso Senhor, mas sim a sua Paixão: seu sofrimento, sua morte na cruz e depois a alvissareira notícia da

manhã da Páscoa: “Verdadeiramente, o Senhor ressuscitou!” (Lc 24,34). Em cada Eucaristia celebramos o memorial da morte e ressurreição do Senhor. Partimos o pão, o “corpo, entregue por vós”. Erguemos o cálice, “o sangue, derramado por vós e por todos” e exclamamos: “Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!”. De fato, a partir daquele momento em que minha vida estava por um fio, eu vi a “sagrada face” de Jesus e, depois no hospital, lembrei tantas vezes esta face ensanguentada que para Thérèse era o símbolo e expressão mais convincente do Amor. “Oh, Face adorável de Jesus, única Beleza que arrebatou meu coração! Digna-te imprimir em mim tua divina semelhança...” (O 16) rezou Thérèse e conta que “transplantada sobre a Montanha do Carmelo devia desabrochar à sombra da Cruz; as lágrimas, o sangue de Jesus tornaram-se seu orvalho e o seu Sol foi a Face adorável...” (Ms A, 71rº).

Naquelas noites intermináveis no hospital Guadalupe em Belém, Thérèse velava a meu lado! Falei com ela e ela me ouviu! Meu estado não permitia que rezasse o breviário. Rezei tantos rosários! Quando as dores pareciam insuportáveis, lembrei-me dos últimos meses de sofrimento de Thérèse e de sua imensa coragem de doar sua vida, de sacrificar-se, de entregar-se como holocausto ao Amor misericordioso. Descobri a dimensão do sofrimento. Eu mesmo sofrendo dores atrozes comecei a compreender Thérèse muito mais do que antes!

Depois de dois meses em Belém voltei ao Xingu. Aos poucos recuperei as forças e, mesmo no início com alguma dificuldade, voltei a visitar as comunidades ao longo dos rios e igarapés, das estradas e vicinais.

Em 1995 na Assembléia Geral da CNBB fui eleito responsável pela Dimensão Missionária da Igreja no Brasil. Esta função exerci também por oito anos, até 2003. E Thérèse novamente me acompanhava. Falei várias vezes ao episcopado brasileiro em que consiste a “missionariedade” de nossa Igreja. Conclamei a Igreja para a missão da Amazônia, destino de tantas famílias migrantes que se tornam “ovelhas sem pastor” (cfr. Mt 9.36) porque não há missionários e missionárias suficientes para atendê-las. Muitas vezes abandonam sua fé ou a Igreja. Minhas palavras aos bispos foram sempre apelo ao espírito missionário. Mais uma vez Thérèse me inspirou quando disse: “Os métodos de apresentar o Evangelho mudaram, mas a paixão, o ardor, o fervor que devem acompanhar e motivar o anúncio e o testemunho são imutáveis e insubstituíveis. Se não existir uma profunda mística missionária que contagia e convence, nosso empenho, por mais que se oriente nas modernas técnicas de comunicação, não passará de um “marketing” religioso superficial. “Evangelizar (...) é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade” (EN 18), escreveu o Papa Paulo VI na sua, ainda atualíssima, Exortação Apostólica “Evangelii Nuntiandi”. No Brasil estamos hoje diante de desafios missionários específicos. Somos chamados a responder aos apelos prementes de áreas e situações missionárias bem definidas, tanto na corresponsabilidade com a missão universal da Igreja “ad gentes”, como somos interpelados pela missão além fronteiras dentro do nosso próprio país”.

Passei, como todos os anos, o Natal e Ano Novo com as comunidades do Baixo Xingu. Nas longas viagens de barco li mais uma vez uma meditação de Santa Teresinha que termina com uma alusão à prometida “chuva de rosas”. Enquanto viajava pelo

maravilhoso Xingu de águas verdes-esmeralda terminei a leitura e pedi a Thérèse que se lembrasse de nossa realidade tão difícil e conflitiva. Falei a ela: “Minha querida, está na hora de enviar mais uma rosa!” Quando cheguei em casa, abri a porta de meu quarto e qual foi minha surpresa: Ao lado do quadro da Thérèse na estante uma grande e linda rosa vermelha! Nunca antes alguém colocou flores no meu quarto ...